



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACS
CURSO: PSICOLOGIA

Família, casamento e divórcio na pós-modernidade: refletindo
sobre relacionamentos.

MICHELE MELO CARNEIRO

BRASÍLIA

JULHO/ 2008

MICHELE MELO CARNEIRO

Família, casamento e divórcio na pós-modernidade:
refletindo sobre relacionamentos.

Monografia apresentada ao
UniCEUB – Centro Universitário de
Brasília como requisito básico para
obtenção do grau de Psicólogo da
Faculdade de Ciências da Saúde.
Professor – Orientador: Dr. Maurício
Neubern.

Brasília, julho/2008



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACS
CURSO: PSICOLOGIA

ESTA MONOGRAFIA FOI APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA
COMPOSTA POR:

Prof. Maurício da Silva Neubern, Dr. em Psicologia Clínica.

Prof. Sérgio Jacques Jablonski Júnior, Mestre em Psicologia.

Prof^ª. José Bizerril Neto, Dr. em Antropologia.

A Menção final obtida foi:

Brasília, julho/2008

Agradecimentos.

A finalização desse curso significa grande vitória, não somente para mim, mas também para todos àqueles que acompanharam minha caminhada durante esses cinco anos. Assim, torna-se imprescindível agradecer primeiramente a Deus, pois foi Ele que escutou todas minhas inquietações e dúvidas, alegrias e tristezas que não expressei e se que se manifestaram comigo ao longo desse tempo.

Posteriormente, agradeço a minha família, principalmente aos meus pais, pois foram eles as pessoas que mais me apoiaram e sempre tiveram a certeza de eu chegaria aqui, certeza essa que, por vezes, eu coloquei em questionamento. São as pessoas que mais me amam e vivenciam junto comigo todas minhas vitórias e derrotas. Aos meus irmãos Rafael e Pedro que me socorreram em todos os momentos de dificuldades com o Word na realização dos meus trabalhos na faculdade, inclusive na monografia. Portanto, dedico a eles esta monografia e todo aprendizado no curso de Psicologia. Amo vocês incondicionalmente.

À todas as pessoas que conheci nesse curso, em destaque, meus amigos Raissa Martins, Ana Paula Ávila e Clayton Severiano que foram pessoas que me acompanharam nesses cinco anos e que, com certeza, fizeram desse tempo muito mais divertido, alegre e sorridente. São pessoas pelas quais guardo um carinho, respeito e admiração mais que especial.

Agradeço ao meu namorado André pela paciência e compreensão nos dias que tive que me dedicar ao término desse trabalho, abdicando assim de encontrá-lo. Com certeza, também torce pelo meu sucesso e vem me acompanhando nas principais etapas de minha vida.

À minha amiga Ana Amélia que, não somente na monografia, mas em todos os trabalhos da faculdade sempre se mostrou disponível em aconselhar-me e ajudar-me. Atualmente, é uma Psicóloga competente radiada de qualidades que admiro.

Aos meus professores: Maurício Neubern que foi extremamente competente, dedicado e profissional sendo que ele possui uma grande carga responsável pelo desenvolvimento dessa monografia. Incentivou-me a me encontrar nesse trabalho e expor todas minhas idéias e pensamentos; afinal, como ele sempre dizia, esse é o meu trabalho e, portanto, o sujeito deve comparecer. À professora Cristina Loyola que, apesar de tê-la conhecido somente no último semestre, foi tempo suficiente para admirá-la. Obrigada por ter tranquilizado em todas minhas inquietações e assim tentar me formar uma melhor profissional, aperfeiçoando os erros.

Sumário

RESUMO	vi
INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO 1: PRINCIPAIS ASPECTOS DA PÓS-MODERNIDADE	12
1.1. Características da Modernidade e Pós-modernidade.....	12
1.2. Sociedade contemporânea: dilemas de liberdade.....	17
CAPÍTULO 2: A INSERÇÃO DA FAMÍLIA NA PÓS-MODERNIDADE E SEUS ASPECTOS CENTRAIS	20
2.1. Família: um conceito plural.....	20
2.2. Família e pós-modernidade: algumas considerações.....	22
2.3. Casamento, divórcio e recasamento.....	25
2.3.1 O casamento pós-moderno.....	26
2.3.2 Considerações acerca do divórcio e recasamento.....	29
2.4. Mães solteiras e famílias constituídas precocemente.....	32
CAPÍTULO 3: TERAPIA FAMILIAR: UM DESAFIO PÓS-MODERNO	37
3.1. Implicações da terapia familiar na pós-modernidade e subjetividade.....	37
3.2. Família Simpsons na terapia familiar.....	42
CONCLUSÃO	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54

Resumo

O presente trabalho tem por finalidade abordar processos de organização familiar, como por exemplo, casamento, divórcio, recasamento no contexto pós-moderno. Dessa forma, questiona-se os aspectos centrais contemporâneos discutindo seus impactos gerais na sociedade. Faz-se necessário o estudo da constituição familiar moderna para maior conhecimento das mudanças em relação às famílias contemporâneas. A partir dessa discussão inicial, aborda-se a reação da família na cultura ocidental perante tantas modificações como, por exemplo, ampliação dos papéis sociais, maior liberdade dirigida aos filhos na comunicação com os pais, ampliação do mundo externo na educação e criação dos filhos, entre outros aspectos. A importância do casamento é discutida em meio a tantas rupturas de uniões conjugais e o sentimento amor é lembrado em meio a questionamentos sobre sua presença nas relações em geral. No divórcio e recasamento, levanta-se quais serão as principais conseqüências para os filhos. Nesse sentido, observa-se que, em relação a essa temática, certos pais tentam superproteger os filhos, escondendo deles o que realmente acontece para privar-lhes de sofrimento, atitude essa passível de discussão. O presente trabalho também busca a quebra de alguns mitos como, por exemplo, o fracasso na educação dos filhos quando estes são criados por mães solteiras ou famílias constituídas precocemente tendo em vista que essas famílias conseguem a sua reorganização e as mães solteiras conseguem assumir o seu papel materno correspondendo todas as expectativas dos filhos. Sabe-se que essa tarefa não é fácil, porém, também não se torna impossível. É relevante abordar também a terapia familiar e suas implicações no mundo contemporâneo. Dessa forma, pode-se afirmar que essa terapia pode ser vista como um desafio já que tenta reorganizar famílias pós-modernas em meio a grandes rupturas. E, por fim, conclui-se que a organização familiar pode se dar de várias formas e que não é essa forma de constituição que influi no tipo de relacionamento familiar. Assim, as pessoas, independente do tipo de organização familiar, por estarem mais individualistas preocupam-se principalmente com seu bem-estar e pouca importância despendem para os outros. Nesse sentido, a comunicação e o relacionamento familiar ficam comprometidos de modo que as pessoas vivem mais em função do mundo externo devido a trabalho, festas, diversão, entre outras coisas e a família acaba ocupando um lugar secundário.

Palavras chave: pós-modernidade, família, terapia familiar.

Como se situa a família em meio ao contexto pós-moderno?

Esse questionamento torna-se essencial para o desenvolvimento desse trabalho que tem como objetivo estudar os processos que permeiam as organizações familiares na pós-modernidade. Nesse sentido, torna-se singular o estudo sobre conceitos como cultura, sujeito, sociedade contemporânea, terapia familiar, entre outros.

Perrot (citada em Farias, 2001, p.1) destaca “o que gostaria de conservar na família no terceiro milênio são aspectos mais positivos: a solidariedade, fraternidade, ajuda mútua, os laços de afeto e o amor. Belo sonho”. Tomando por base tal reflexão, torna-se relevante interrogar os motivos pelos quais esses aspectos positivos, que antes eram inerentes à constituição familiar e que, atualmente, tornaram-se belos sonhos. Será o fim da família? Tal questionamento torna-se pertinente baseado na análise do sujeito pós-moderno em que este é conceituado como individualista e preocupa-se quase que exclusivamente com o seu bem estar e sua felicidade, esta que, para ser alcançada, se sobrepõe à moralidade (Seixas, 2005). Assim, indaga-se a existência de diversos sentimentos que faziam parte das relações e que, na era pós-moderna, deixam em dúvida sobre sua real presença como, por exemplo, o amor, respeito, afetividade, entre outros.

Com a contribuição da pós-modernidade os conceitos de objetividade, verdade, realidade, família passam a ser questionados no sentido que já não se encaixam em termos específicos e restritos de modo que suas ramificações são consideradas como plausíveis, sendo que, para tal tema as contribuições de Bauman (1998) e Petrini (2005) foram muito relevantes. Assim, esses autores comentam que a sociedade pós-moderna traz a abrangência de vários aspectos sociais, tornando essencial, então, a análise de suas conseqüências para a constituição do sujeito. Dessa forma, Seixas (2005, p. 111) também aborda:

A consciência de uma complexidade crescente de perspectivas para cada fato abole a visão linear, dificulta uma atitude julgadora do certo e errado e, conseqüentemente, impossibilita a existência de uma única verdade. Se isto traz vantagens, porque torna a sociedade menos julgadora, preconceituosa e mais capaz de conviver com diferenças, por outro lado, dificulta a eleição de uma escala de valores que pode ajudar a impunidade.

Nesse sentido, evita-se realizar julgamentos precipitados sobre a pós-modernidade, pois esta, como também vários outros marcos na sociedade, possui características positivas e negativas. Assim, destaca-se a ampliação de comportamentos antes inconcebíveis na sociedade como, por exemplo, questionamento dos filhos em relação aos comportamentos dos pais, fim da união conjugal, maior liberdade de expressão, entre outros. Como fato que causa certo sofrimento, observa-se a falta de estabilidade nos empregos devido a grandes incertezas do que irá acontecer no dia seguinte, dúvidas estas que não eram tão presentes na modernidade. Assim, conhecimentos tornam-se desvalorizados pela descoberta de novas coisas o que aumenta a ambição das pessoas em sempre gerarem situações interessantes e atraentes no trabalho, crescendo a concorrência entre membros da mesma equipe, por exemplo. E tal pressão psicológica acaba gerando alguns problemas de saúde que se tornam cada vez mais presentes nos trabalhadores pós-modernos como, estresse, depressão, insônia, entre outros.

Para o enriquecimento desse trabalho, torna-se imprescindível a contribuição de González Rey (2003) abordando o sujeito e sua subjetividade. Assim, ele comenta:

A subjetividade individual representa os processos e formas de organização subjetiva dos indivíduos concretos. Nela aparece constituída

a história única de cada um dos indivíduos, a qual, dentro de uma cultura, se constitui em suas relações pessoais. Um dos momentos essenciais de subjetividade individual, que define com força sua natureza processual, é representado pelo sujeito, que constitui o momento vivo da organização histórica da sua subjetividade, e que está implicado de forma constante nos diversos espaços sociais dentro dos quais organiza suas diferentes práticas (p. 241).

Nota-se, dessa forma, que sujeito passa a ser visto também de outra forma, pois, inicialmente, o indivíduo era considerado um fator passivo, sem tanta participação ativa nas percepções da realidade, modelado em suas estruturas cognitivas pelas “impressões” provenientes do mundo externo. Descobrimo-se os processos perceptivos sendo estes selecionados ativamente pelo sujeito (através de sua história de vida, crenças, costumes, valores) “o mundo externo não é mais um dado objetivo, mas o resultado, o produto da interação entre os elementos do mundo externo e da atividade perceptiva da pessoa” (Andolfi & Angelo, 1989, p. 32). Nesse sentido, o sujeito, por está em constante contato com as mais diversas constituições sociais, modifica o meio social e é por ele também modificado, ocorrendo tudo isso de uma maneira não linear e nem delimitada.

Nesse aspecto, sendo o âmbito familiar uma entidade social que, a priori, as pessoas mantêm contato em maior parte de suas vidas, analisa-se certas emoções gerada pelos membros familiares, sendo esse sentimento relacionado com as ações e uma condição da atividade humana (González Rey, 2003). Neubern (2000, citado em González Rey, 2003, p.243) assegura que:

As emoções são fenômenos complexos que abrangem múltiplas dimensões. Possuem um substrato biológico e se constituem enquanto ontologias subjetivas ao longo do desenvolvimento do sujeito, que se dá

na sua interação com o social. São nesse sentido, internas, mas ligam-se de forma não linear com o espaço social.

Diversas são as reações e emoções causadas nas pessoas frente a inúmeras modificações nos mais variados aspectos sociais. No aspecto familiar, Petrine (2005, p. 28) aborda esse tema ao relatar:

O entrelaçamento do amor, sexualidade e fecundidade que, tradicionalmente, constituiu o núcleo do matrimônio e da família, nestas últimas décadas, foi rompido, podendo-se viver a sexualidade sem a fecundidade, a sexualidade sem o amor, a fecundidade sem a sexualidade.

Para enriquecimento dessa temática familiar, Áries (1981) trouxe uma análise desde famílias medievais até as modernas, demonstrando uma modificação nos cuidados dos filhos e, também, no sentimento correspondente ao relacionamento familiar que, na era medieval era relacionado exclusivamente a forma de criação dos filhos que seria aos cuidados de outra família e que, na modernidade, esse contexto apresenta-se mais relacionado ao aspecto sentimental. Da modernidade à pós-modernidade, diversas modificações se desenvolveram, e ainda se desenvolvem, sendo que tal discussão foi abordada por alguns autores como, por exemplo, Negreiros e Féres-Carneiro (2004) ao discutirem a ampliação das funções tanto paternas como maternas.

Baseado nessas modificações de valores, costumes, crenças é que o presente trabalho busca estudar, no seu primeiro capítulo os principais pontos da pós-modernidade e compará-los com a modernidade. Isso permite que haja maior visão de importantes fatos que sofreram, e ainda sofrem, modificação ao longo do tempo. Observa-se também uma análise mais específica dos reais conceitos da pós-

modernidade no sentido que esta é questionada em relação a sua liberdade tão enfatizada. Será que o sujeito pós-moderno é realmente livre em suas ações e escolhas?

No segundo capítulo, observa-se a abordagem da família nos seus mais diversos conceitos levando em consideração a cultura de alguns locais. Dessa forma, não há definição que consiga abarcar todos os diversos estilos e sentidos que essa entidade social possui. Aborda-se também a ampliação dos papéis de gênero, juntamente com suas principais conseqüências. A sociedade contemporânea traz consigo temas como casamento, divórcio e recasamento que também foram estudados nesse trabalho, juntamente com mães solteiras e as famílias constituídas precocemente, suas principais dificuldades e pontos positivos e negativos de tal condição. Féres-Carneiro (1998) e Souza (2000) em muito contribuem na discussão desse assunto visto que abordam questões como a importância da união conjugal na pós-modernidade, as conseqüências do divórcio e a visão dos filhos quando os pais resolvem romper o casamento.

E, por fim, o terceiro capítulo é relacionado com a importância da terapia familiar na pós-modernidade e como esta atua no sentido de união dos sujeitos individualistas, sendo considerado até um desafio para essa terapia. A subjetividade é relembada no sentido de formas diferentes de impactos para os membros nos diversos conflitos existentes na família. Aborda-se também a questão da família Simpson como um modelo de família na sociedade contemporânea, no sentido que as pessoas tendem a ter características semelhantes aos do desenho em termos de (falta) preocupação dos pais na educação dos filhos, tanto em aspecto escolar como de uma forma geral, cuidados e respeito entre o casal, entre outros aspectos.

Capítulo 1

Características gerais da Pós-modernidade

1.1. Características da Modernidade e Pós-modernidade.

Ao abordar o termo Pós-modernidade, torna-se inevitável o questionamento sobre a Modernidade e as suas principais influências sobre esse tema. Assim, destaca-se que não há uma divisão concreta entre esses dois conceitos e sim, uma complementação, de modo que se encontram diretamente ligados. Em outras palavras, o que caracteriza a Pós-modernidade vem de atributos anteriores, de situações que foram modificadas tanto na estrutura familiar, econômica, política, social, entre outros.

A Modernidade surgiu, segundo Harvey (1998, p.32):

Como uma reação às condições de produção (máquina, fábrica e urbanização), de circulação (os novos sistemas de transportes e comunicação) e de consumo (a ascensão dos mercados de massa, da publicidade) do que um pioneiro na produção dessas mudanças.

Assim, ela traz, como uma das suas principais características, a estabilização de situações em que toda sociedade se encaixa adquirindo características pré-determinadas. Assim, para os pensadores iluministas era necessário desenvolver uma ciência objetiva e leis universais para que, conseqüentemente, qualidades gerais e eternas de toda sociedade pudessem ser descobertas. Dessa forma, procurava-se:

Lei boa para todos, sendo as artes e a ciência vistas não somente como controle das forças naturais, como também, a compreensão do mundo e do EU, do progresso moral, a justiça das instituições e até a felicidade dos homens (Harvey, 1998, p. 41).

Considera-se modernidade como um conceito complexo no qual se objetivava a busca de sistemas teóricos abrangentes cujo enquadramento se encontrava em um

mundo previsível e simplista. Não há, nesse sentido, tanta liberdade de escolha em comportamentos de modo que estes serão analisados sob a mesma ótica, ou seja, a análise da sociedade. As atitudes diferenciadas não se encontravam presentes e, aqueles considerados “estranhos” eram passíveis de tentativas de eliminação (Bauman, 1998). Em outras palavras, pessoas estranhas são aquelas que tentam infringir regras pré-determinadas, expressando opiniões e comportamentos incompatíveis. Assim como afirma Bauman (1998, p. 29): “a sociedade moderna, e sob a égide do Estado moderno, a aniquilação cultural e física dos estranhos e do diferente foi uma destruição criativa, demolindo mas construindo ao mesmo tempo”. Em outro sentido, a sociedade procurava retirar pessoas que se apresentavam de forma diferente perante os demais e tentava reeducá-los de modo a atingir comportamentos esperados. Assim, havia um estreito laço entre a vida individual e a ordem social de modo a proporcionar um cenário estável e previsível para os atos e escolhas individuais.

Entretanto, no começo do século XX, já não era mais possível dar razão à forma de pensamento iluminista devido aos grandes conflitos, Primeira e Segunda guerras que geraram destruição e morte, desvalorização dos direitos humanos, desastres ecológicos, entre outros, que acabaram gerando a crise da modernidade (Petrini, 2005). Portanto, esse pensamento passa a ser visto como opressão universal em detrimento da liberdade humana, questionando-se a situação de condição ideal para todos, pois, com as grandes desavenças mundiais, percebe-se que nem tudo era reduzido a uma fórmula ideal e universal de qualidade e paz mundial de modo que todos pudessem sentir-se bem. Observa-se, portanto, que a crise da razão universal não se encontra embasada nas áreas mais atrasadas do mundo e sim, na parte desenvolvida da sociedade moderna. Assim, como afirma Petrini (2005, p. 23):

A sociedade moderna entra em crise por uma carência da razão, usando segundo o paradigma iluminista, que não é mais capaz de dar conta de todos os fatores da realidade, de orientar suas conquistas para responder às exigências humanas. Com efeito, a razão não mais compara seus produtos com as exigências elementares do ser humano, com as exigências de liberdade, justiça, verdade, felicidade, e sim com as exigências do mercado, isto é, do lucro e do poder.

Destaca-se também a grande importância atribuída à cultura, sendo esta definida, segundo Benincá e Gomes (1998, p.179), como “a bagagem de conteúdos básicos e habilidades sociais e efeito diretivo e mutante, transmitida formal ou informalmente dos mais velhos para os mais novos por processos de simbolização”. Assim, esse aspecto cultural se encontra com relevância ao abordarmos a Pós-modernidade em que os projetos de vida não se encontram embasados em situações estáveis e imutáveis. Nesse sentido, encontra-se a presença da incerteza configurada no mundo, sendo esta não mais vista, em sua totalidade, como algo negativo. Obtêm-se situações nas quais a dúvida prevalece e as pessoas se permitem questionar determinados atos impostos e destaca-se que, apesar do questionamento, não serão mais necessariamente vistos como estranhos. Assim, os estranhos já não são definidos, selecionados e separados dos demais, sendo permitido a estes os seus questionamentos. Em outras palavras, segundo Bauman (1999), o direito a estranheza é a única maneira pela quais as pessoas podem expressar-se e defender-se diante de determinadas situações.

Assim, pode-se até comentar da importância dos estranhos dentro da sociedade, pois há uma evolução do mundo através da forma como nossas vidas são modeladas, conduzidas e questionadas. Como também defende Foucault (1984, citado em Harvey, 1998, p. 49): “Desenvolver a ação, o pensamento e os desejos através da proliferação,

da justaposição e da disjunção é preferir o que é positivo e múltiplo, a diferença à uniformidade, os fluxos às unidades, os arranjos móveis aos sistemas”.

Destacam-se também diferenças nas áreas de comunicação e linguagem, sendo que, em uma perspectiva moderna, estes atributos eram visto sob relação rígida entre o que era dito e o modo como era enunciado; já na visão pós-moderna, há uma separação e reunião de várias combinações de palavras e, da mesma forma, a arquitetura pós-moderna combina partes e pedaços do passado para formar imagens valiosas (Harvey, 1998).

De acordo com Leitão e Nicolaci-da-Costa (2003), há algumas teorias que objetivam analisar a transição da Modernidade para a Pós-modernidade sendo a primeira teoria dada ênfase na produção do conhecimento e, a segunda, na ordem capitalista contemporânea. A primeira abordagem, defendida por Lyotard e Gianni Vattimo, afirma que a tecnologia de informação é o marco principal para o rompimento entre modernidade e pós-modernidade sendo esta tecnologia considerada um objeto de destruição da humanidade por gerarem ações automáticas e dificuldade de relacionamento entre os homens, sendo, conseqüentemente, “vilã de um cenário pós-moderno desumanizante”. A segunda teoria, defendida por Jameson, Harvey e Bauman, apresenta características marxistas (o sistema de produção não é mais considerado estático, rígido e padronizado) e dão ênfase nas condições de produção da ordem capitalista. Destaca-se também que para estes autores, a cultura encontra-se interligada com a organização social, sendo que a expansão capitalista responsável pelo aumento do consumo de informação e de bens materiais. Em outras palavras, a expansão tecnológica, abordada pelos primeiros filósofos citados, possui como base a expansão capitalista, sendo esta a norteadora da sociedade Pós-moderna. Para Bauman (1997, citado em Leitão & Nicolaci-da-Costa, 2003), a sociedade moderna possuía como rede

social à capacidade de produção; já a sociedade pós-moderna possuía como base social à capacidade e desejo de consumo.

Houve grandes mudanças também na estrutura familiar como, por exemplo, a criação dos filhos, pois no século XV isso era uma tarefa desempenhada por famílias que não as originais. Assim, as crianças ao atingirem a idade entre sete e nove anos eram transferidas de casas para que pudessem ser educadas e isso ocorria pois as pessoas acreditavam que os filhos dos outros eram melhores que os seus. Como comenta Ariés (1981, p.156):

As pessoas não conservavam as próprias crianças em casa: enviavam-nas a outras famílias, com ou sem contrato, para que com elas morassem e começassem suas vidas, ou nesse novo ambiente, aprendessem as maneiras de um cavaleiro ou um ofício, ou mesmo para que freqüentassem uma escola e aprendessem as letras latinas. Essa aprendizagem era um hábito difundido em todas as condições sociais.

Destaca-se, portanto, que as crianças não eram alfabetizadas em escolas, sendo essa instituição destinada somente aos clérigos. Nesse sentido, observa-se que não havia um sentimento profundo entre pais e filhos de modo que estes, mais ou cedo ou mais tarde, saíam de sua família original para compor outros lares, obtendo-se assim um sentimento muito mais moral e social à sentimental entre eles.

A partir do século XV, os sentimentos familiares começaram a mudar de modo que os pais passaram a julgar a entrega dos filhos a outros lares com algo negativo pois gostariam de permanecer juntos as crianças para acompanhar todo o seu desenvolvimento tanto pessoal como profissional. Assim, houve uma revolução no sentido de estender a entidade escolar a todos os meninos e meninas com a intenção de que os filhos fossem por esta educados. Portanto, a escola tinha dois grandes objetivos:

a aprendizagem infantil e manutenção da integração familiar. Desenvolveu-se, dessa forma, uma reforma dos antigos costumes gerando, nesse sentido, um sentimento de privacidade familiar em que os pais participavam ativamente da aprendizagem dos seus filhos e acompanhavam de perto o seu crescimento.

Destaca-se que essa valorização dos filhos é um marco essencial para a transição da família medieval para a moderna, pois a “criança conquistou um lugar junto de seus pais, lugar este a que não poderia ter aspirado no tempo em que o costume mandava que fosse confiada a estranhos” (Ariés, 1981, p.189). Nesse sentido, a família passou a se unir pelo sentimento existente entre eles e deixou de ser uma instituição de direito privado para ser considerada a transmissão de bens e nome, assumindo um valor sentimental.

1.2. Sociedade contemporânea: dilemas de liberdade.

Diante de tantas mudanças significativas na sociedade, teoricamente, a Pós-modernidade traz como uma de suas características básicas a liberdade de escolha e comportamento, de modo que as pessoas sentem-se mais livres e desimpedidas, podendo expressar suas opiniões e conceitos em que quase tudo passa a ser válido. Porém questiona-se que tipo de liberdade seria esta estando nós imersos em uma sociedade do capitalismo e consumo. Será que realmente não nos importamos mais como a sociedade nos julgará? Que tipo de liberdade é essa que nos promete a Pós-modernidade? Como a Pós-modernidade influencia diretamente as relações familiares?

De forma geral, pode-se atribuir características positivas e negativas na sociedade contemporânea uma vez que esta nos trouxe grandes avanços tecnológicos, mais liberdade de escolha e de posicionamento, mais facilidades em determinadas tarefas, maiores compartilhamentos entre culturas tornando-as mais ricas e desenvolvidas socialmente, entre outros.

Porém, destacam-se também alguns aspectos que causam angústia e sofrimento com a incerteza exagerada em determinadas situações, como por exemplo, os empregos já não possuem tanta estabilidade, nenhuma posição pode mais ser considerada totalmente segura, a experiência se torna obsoleta pela nova descoberta no dia anterior. Assim, faz-se necessária à renovação constante e o desenvolvimento de habilidades antes desnecessárias. A competição acirrada acaba afetando fisiológica e psicologicamente as pessoas em que estas, apesar de possuírem grande carga de conhecimentos e experiências, nunca estarão satisfeitas com o seu desempenho. Assim, como aborda Bauman (2005, p. 7): “Nunca sociedade líquida-moderna, as realizações individuais não podem solidificar-se em posses permanentes porque, em um piscar de olhos, os ativos se transformam em passivos, e as capacidades, em incapacidades”.

Em meio a tantas mudanças, nota-se a desvalorização do passado em que as pessoas já não se importam tanto com as experiências de seus antepassados, passando a julgar relevante somente àqueles fatos futuros em que se encontram todas as realizações técnicas e científicas (Petrini, 2005). A atuação do mercado passa a ser revolucionário no sentido de que neste encontra-se a plena realização individual. Destaca-se, portanto uma ascensão do individualismo em que as pessoas passam a viver mais para seus próprios problemas. Como comenta Lipovetsky (1989, p. 176, citado em Petrini, 2005, p. 24): “... estimula cada um a torna-se mais senhor e possuidor de sua própria vida, a auto-determinar-se em suas relações como os outros, a viver mais para si próprio”. O individualismo moderno caracteriza-se por uma ética lúdica e consumista causando, conseqüentemente, abandono dos antigos valores, limites e de quase tudo que se necessita de compromissos estáveis. Assim a disciplina, o rigor, sacrifício e determinismo já não estão tanto presentes na vida das pessoas de modo que estas preferem a falta de planejamento à normas concretas. O mercado busca aprisionar o

homem cuja liberdade fica afetada no sentido de impossibilidade de abertura da própria razão, que passa a ignorar a felicidade e o sentido das coisas, importando somente o aumento do lucro e do poder sobre o mundo (Petrini, 2005). Observa-se, nesse sentido, uma cultura dominante cujo objetivo é a redução dos valores e sentidos da sociedade em que esta age sem ideal e desvalorização da vida sendo que os sentimentos predominantes são aqueles relacionados com o “imediatismo, fragmentação, ausência de ideais e de respostas, de vazio e, principalmente, de desamparo” (Moreira, 2002 p.199).

Em relação à família, o seu sentido também passa a ser questionado, pois se considera que há possibilidades dessa instituição está novamente perdendo o seu valor como na época medieval, considerando que o homem, em geral, por estar inserido em uma sociedade do consumo acaba vivendo em função disso perdendo, conseqüentemente, os antigos valores. Como defende Moreira (2002, p.199), “com a pós-modernidade, valores essenciais das instituições ocidentais foram desacreditadas, entre as quais, Deus, ser, razão e a própria família”. Assim, quanto mais tempo dedica-se a trabalhos, festas, ao mundo externo em geral, mais esses locais monopolizam a sua vida, o seu tempo e menor será o espaço deixado para a família (Ariés, 1981).

Capítulo 2

A inserção da família na Pós-modernidade e seus aspectos centrais.

2.1. Família: um conceito plural.

Na modernidade, as famílias eram conceituadas como aquelas compostas exclusivamente por pais e filhos vivendo em uma casa, apresentando-se como família nuclear. Assim, quando alguma estrutura se afastava desse modelo era vista como incompleta ou desestruturada, gerando o foco familiar na sua composição e não na qualidade das relações (Szymanski, 2000).

Segundo Benicá e Gomes (1998), família pode ser definida como um organismo mutável que se transforma e é transformado pela sociedade. E essas mudanças são norteadas tanto por aspectos externos como internos. Em outras palavras, os pais transmitem aos filhos seus valores e costumes tanto por influência de leis internas, que é a própria organização familiar, como também por leis externas sendo considerado o sistema social vigente.

De forma geral, o conceito de família dependerá da cultura em que está inserido, sendo que poderá haver grandes diferenciações nos significados. Destaca-se, portanto, que não há um conceito abrangente que enquadre todas as definições, pois, para cada pessoa poderá haver um sentido diferente de acordo com suas vivências e costumes transmitidos. Assim, de acordo com Carter e McGoldrick (1995), para os italianos, família é aquela que inclui um rol amplo de pessoas como, por exemplo, tia, primo, avós, etc. São todos aqueles que estão sempre juntos nos feriados e se comunicam freqüentemente para tomada de decisões. As famílias negras levam em consideração desde os laços de sangue de antigos familiares até os grandes amigos para denominar suas famílias. Os chineses, possuindo um rol mais amplo ainda, consideram todos os seus ancestrais como também os descendentes para definição familiar. Observa-se,

contudo, que nessas famílias asiáticas, as mulheres quando casam perdem o seu sobrenome ficando apenas com o sobrenome do marido, sendo a árvore familiar formada apenas pelos nomes dos membros masculinos.

Outro ponto que possui divergência cultural é em relação à importância dos estágios do ciclo de vida. Assim, tanto irlandeses como também famílias negras enfatizam o funeral como uma festa importante, considerando a morte como a mais relevante comemoração de transição do ciclo de vida. Estes a encaram como libertação do seres humanos do sofrimento e que serão levados para uma vida após a morte mais feliz. Já as famílias italianas e polonesas enfatizam a celebração casamento como a mais importante transição do ciclo de vida, realizando grandes festas, pois comemoram a continuação da família na geração seguinte. (Carter & McGoldrick, 1995).

De forma geral, a maneira como se dá a configuração familiar é de extrema importância, pois está intimamente ligada ao bem estar de todos os seus membros. Não se pode, entretanto, generalizar afirmando que todos os problemas familiares são devidos a sua configuração interna. Destaca-se que a família encontra-se situada em uma sociedade e que esta influencia diretamente os seus componentes. Assim, não basta apenas que os pais sejam pessoas presentes na vida de seus filhos, é necessário também que estes estejam inclusos em redes sociais, que obtenham boa educação escolar, relacionem-se com amigos que lhes ofereçam algo positivo, possam se posicionar juntamente aos seus pais emitindo opiniões e questionando certas atitudes, entre outros aspectos.

Observa-se ainda que, além da configuração familiar, a qualidade de relacionamento entre os membros é de grande relevância, pois, aparentemente para a sociedade, uma família poderá até se apresentar como perfeita e harmoniosa, porém, a verdadeira situação se mostra presente em suas residências, ou seja, a forma como cada

um se trata quando estão juntos sem que esteja alguém de fora pra julgar. Isso não quer dizer que a configuração de família ideal (se é que existe) deverá ser isenta de brigas e conflitos, pois estas situações sempre estarão presentes. Porém, o diferencial se dá na forma como se soluciona o conflito, se há ou não imposição ou respeitos de todos os membros, e que se a solução conflituosa foi achada por meio de consenso entre todos.

2.2. Família e Pós-modernidade: algumas considerações.

O modelo novo de família, as fronteiras de identidades entre os dois sexos são fluídas e permeáveis, com possibilidades plurais de representação: mulher oficial de forças armadas, homem dono-de-casa, mãe e pai solteiros, mulher chefe de família, casais homossexuais masculinos e femininos, parceiros masculinos mais jovens, casal sem filhos por opção, bebê de proveta e demais possibilidades que a evolução científica permite ou está em vias de possibilitar, tal como a discutida clonagem humana (Negreiros & Féres-Carneiro, 2004, p. 39).

Tomando por base essa citação, destacam-se algumas das mudanças relevantes ocorridas na sociedade na atuação tanto do homem quanto da mulher. Dessa forma, nesse capítulo tem-se por objetivo levantar esses principais aspectos e analisar os impactos causados na sociedade contemporânea com tamanhas modificações nos papéis de gêneros, sendo que estes não são definidos universalmente no sentido que são construções históricas, sociais e culturais (Negreiros & Féres-Carneiro, 2004). Torna-se relevante observar que, apesar da ascensão da família pós-moderna, esta não causou exclusão total e imediata das famílias modernas de modo que, em certos lugares, ainda há contextos familiares com essas características.

Na pós-modernidade, a família já não é mais vista como organizada em torno de normas estáveis de modo que seus membros não ocupam somente papéis que foram pré-estabelecidos pela sociedade.

A família patriarcal, que possuía hierarquia de papéis bem definidos, tinha o rígido controle do pai sendo que este possuía o poder de decisão na casa. A mãe, por sua vez, dedica-se nas tarefas de procriação, cuidado com os filhos e com as atividades do lar, ensinando desde cedo essas ocupações para as meninas. Os filhos demonstravam disciplina, respeito e obediência incondicional as ordens patriarcais, sem criticar ou reclamar. Destaca-se a numerosa quantidade de filhos com intenção de esses serem úteis na ajuda ao pai ou a mãe com o trabalho, pois, nessa época, o foco se encontrava no trabalho feito pela família que trazia, conseqüentemente, o sustento de todos (Benicá & Gomes, 1998).

Gradativamente, a sociedade contemporânea apresentou grandes mudanças e a família patriarcal vai perdendo o seu lugar de modo que mudanças relevantes surgem e influenciam os comportamentos de todos os seus membros como, por exemplo, ampliação do espaço feminino tanto no contexto familiar como profissional, alteração na socialização da família, modificação nos valores educacionais, entre outros. Nesse sentido, como também contribui Negreiros e Féres-Carneiro (2004, p.44):

Os grupos familiares atuais convivem com uma flexibilidade de papéis masculinos e femininos e traduzem arranjos mais ou menos improvisados para dar conta da multiplicidade de tarefas e de afetos a elas subjacentes – amor, ódio, medo, esperança, raiva, inveja, respeito, culpa e todo um arco-íris de sentimentos advindo de um convívio próximo e potencialmente dissolúvel.

Dessa forma, há mulheres que, além de cuidar da casa e dos filhos, contribuem financeiramente para o sustento familiar por possuírem atividades externas, sendo que, em alguns casos, são independentes do marido possuindo, na realidade, dupla jornada de trabalho. Torna-se relevante comentar a possibilidade de planejamento familiar através do advento da pílula anticoncepcional em que mulheres já controlam a quantidade de filhos, observando que a família sofreu uma acentuada redução. O pai encontra-se mais acessível ao diálogo com os filhos, “substituindo a rigidez relacional por uma forma de convivência familiar mais complacente e amistosa” (Benicá & Gomes, 1998, p.193). Com essa proximidade afetiva, os pais permitem críticas tornando-se mais sensíveis a escolhas e opiniões. Porém, pesquisas mostram que, apesar da mudança na acessibilidade do pai, os filhos ainda sente-se mais a vontade em conversar com a mãe pois julgam esta muito coerente e com grande capacidade de entendimento. Adolescentes consideram a comunicação familiar de extrema importância e

Apesar de a figura paterna estar desempenhando suas funções com maior qualidade e frequência atualmente, o pai ainda ocupa, de forma genérica, um lugar periférico na vida do adolescente no que se refere às questões mais pessoais e de contato íntimo (Wagner, Falcke, Silveira & Mosmann, 2002, p.79).

Nesse sentido, há algumas diferenças na atuação dos pais na vida dos filhos, visto que as mães se preocupam mais com questões como alimentação, cuidados pessoais, em questões relacionadas mais com a proteção e afetividade. O pai, por sua vez, está mais presente na hora de diversão com uma base mais física e menos íntima com destaque nas brincadeiras e lazer (Moreira, 2002).

Em relação aos filhos, estes que eram totalmente ligados aos pais e quase não tinham acesso a escola, vêm se tornando independentes também o quanto antes e saindo cada vez mais de casa com idades menos avançadas, quando comparados com a modernidade (Carter & McGoldrick, 1995). Destaca-se o aumento da sensibilidade e do contato dos filhos ao mundo externo e que estes são mais facilmente influenciados de modo que, apesar dos pais disporem de maiores informações a respeito do mundo, estes se sentem mais inseguros na educação de seus filhos pois já não podem mais manipular as coisas boas ou ruins que seus filhos têm acesso no ambiente externo (Moreira, 2002).

2.3. Casamento, divórcio e recasamento.

De acordo com Negreiros e Féres-Carneiro (2004), o casamento possuía características como, por exemplo, monogâmico, indissolúvel e ligado à reprodução, contudo, essas características passam a ser questionadas no sentido de que houve grandes mudanças no conceito e no objetivo do casar-se. Atualmente, a prática do casamento civil e religioso continua sendo uma atividade praticada com frequência na era pós-moderna, destacando-se que a união informal e descomprometida também pode ser legalmente considerada casamento gerando assim direitos para ambos os cônjuges.

Os filhos, que eram os responsáveis pela transição no nome da família, já não são vistos com esse objetivo, visto que aumentou a quantidade de pais desprovidos de filhos por escolha própria. E quando há presença de filhos na relação, exige-se que o “homem seja, ao menos, um coadjuvante na criação dos filhos e nas lidas domésticas e que a mulher exerça, no mínimo, um papel auxiliar quanto à economia da família” (Negreiros & Féres-Carneiro, 2004, p. 39), demonstrando que os deveres e obrigações são atitudes compartilhadas entre ambos.

O novo modelo familiar é algo marcado pelo individualismo de modo que o sujeito sente-se auto-suficiente, competitivo, passando a viver e desejar o aumento da

ambição e do lucro, alimentando, conseqüentemente, a insegurança e o temor diante de situações tão instáveis, trazendo à realidade grandes rupturas, doenças e empobrecimento das relações humanas, gerando dessa forma, sintomas prejudiciais às constituições familiares. Nesse sentido, famílias de grande composição (tios, primos, sobrinhos, entre outros) passam a lares de pequenos núcleos, como pais e filhos, e daí para constituições de pais sem filhos e até lares unipessoais (Negreiros & Féres-Carneiro, 2004), destacando-se também o aumento de divórcio e recasamento. Essas mudanças no contexto familiar são justificadas por Jablonski (1996, 1998) e Freixa (1998), citados em Milfont, Gouveia e Costa (2006, p.25), com a grande modernização e urbanização decorrentes da industrialização, em que afeta a longevidade das pessoas, o individualismo, a constituição da união familiar tardia, mudança no sentido do sexo (visto que este não é mais vinculado à procriação e sim ao prazer), o divórcio passa a ser uma escolha aceitável pela sociedade, entre outros fatores.

Diante de tantas mudanças, torna-se relevante questionar o que atualmente mantém a união familiar e por que as pessoas casam-se, quais os significados do casamento e principais conseqüências da separação. Será que o amor ainda encontra-se presente nas constituições familiares ou as pessoas se mantêm unidas simplesmente pelo costume de assim permanecerem por tanto tempo?

2.3.1. O casamento pós-moderno.

Féres-Carneiro (1998, p.2) aborda que o casamento constitui-se de oposições ao afirmar que:

O casamento reside no fato de o casal encerrar, ao mesmo tempo, na sua dinâmica, duas individualidades e uma conjugalidade, ou seja, de o casal conter dois sujeitos, dois desejos, duas inserções no mundo, duas percepções do mundo, duas histórias de vida, dois projetos de vida, duas

identidades individuais que, na relação amorosa, convivem com uma conjugalidade, um desejo conjunto, uma história de vida conjugal, um projeto de vida de casal, uma identidade de casal.

O casamento no Século XIX era arranjado pelos pais com o objetivo de união das linhagens com a ausência da interferência dos filhos, possuindo o casamento vínculos contratuais e não sentimentais (Lasch, 1987, citado em Milfont, Gouveia & Costa, 2006). Assim, o casamento não configurava um relacionamento amoroso, de modo que prevalecia o bem estar das famílias de origem e, a sexualidade assumia um papel preponderantemente de reprodução. Na pós-modernidade, entretanto, inúmeros e diversos são os motivos que levam a união conjugal como, por exemplo, “determinações econômicas, sociais, culturais, de classe e gênero” (Araújo, 2002, p. 70).

Em pesquisa realizada por Milfont, Gouveia e Costa (2004), pode-se constatar que as pessoas casam-se por motivos de valores sociais e suas atitudes frente a relações afetivas estáveis. Em outras palavras, os valores sociais estão diretamente relacionados com as pessoas que gostam de ser aceitas pela sociedade, buscam estabilidade, respeitam o padrão de símbolos culturais, desejam ter amizade e relação verdadeira, vida social ativa entre outras coisas.

Em relação a essa temática, Berger e Kellner (citados em Féres-Carneiro, 1998) contribuem também ao afirmar que as pessoas casam para não se tornarem sujeitos anômicos e o casamento, como uma função social, é um instrumento que ajuda as pessoas a viverem a vida com certo sentido visto que possuem diálogo e convivência constantes com alguém que julga muito significativa, considerando que a comunicação é algo essencial ao mundo. Observa-se também que o casamento constitui-se em um constante paradoxo posto que, as pessoas por serem influenciadas pelo valor do

individualismo e autonomia confrontam-se na vida de casal ao se depararem na situação de compartilhar a conjugalidade, os desejos de vida, sonhos, entre outros. Singly (1993, citado em Féres-Carneiro, 1998, p. 4) afirma: “valorizar os espaços individuais significa, muitas vezes, fragilizar os espaços conjugais, assim como fortalecer a conjugalidade demanda, quase sempre, ceder diante das individualidades”.

A partir do observado acima, destaca-se um outro sentimento essencial nas relações humanas, sendo este o amor sentido entre os homens de maneira geral. Observa-se, entretanto, que esse sentimento nem sempre esteve presente nas relações, de modo que, ou o casamento assumia questões familiares em que os pais obrigavam os filhos a se casarem, ou a união conjugal assumia questões exclusivas de reprodução. Atualmente, o amor é visto como um “sistema complexo e dinâmico que envolve cognições, emoções e comportamentos” (Shaver, Hazan & Bradshaw, 1988, citado em Silva & col. 2005, p. 296). Dessa forma, nos países ocidentais, esse sentimento torna-se um requisito essencial na escolha do cônjuge de modo que, em pesquisa realizada por esses autores, conclui-se que as pessoas não se casam se não houver o amor presente, mesmo que o seu parceiro obtenha todas as qualidades almejadas. Nesse sentido, a pergunta realizada foi: Se um homem/mulher tivesse todas as qualidades que você deseja, você se casaria com ele mesmo se não o amasse? Somente na Índia e no Paquistão é que a resposta foi, em sua maioria, afirmativa. Já o Brasil e EUA foram os países que mais rejeitaram a união conjugal sem o amor. Destaca-se, entretanto, que apesar das pessoas valorizarem o amor nas relações conjugais, esse sentimento dissemina-se de tal forma que acaba perdendo a sua essência. Nesse sentido, entende-se que o amor envolve também outros sentimentos como, por exemplo, companheirismo, afetividade, respeito, cuidado, entre outros aspectos, dos quais, infelizmente, deixam a desejar na análise de diversas rupturas familiares. Há pessoas que afirmam matar o

parceiro por amor, ou seja, preferem tirar a sua vida à ver esse parceiro com o outro, e justifica essa atitude com o grande amor sentido por ele. E assim, o amor, que antes era um sentimento envolto de coisas positivas e harmoniosas, ganha atribuições que são vistas de maneira negativa, usado para justificar atitudes maléficas. Como complementa Bauman (2004, p. 19) “em vez de haver mais pessoas atingindo mais vezes os elevados padrões de amor, esses padrões foram baixados. O conjunto de experiências às quais nos referimos com a palavra amor expandiu-se muito”.

2.3.2. Considerações acerca do divórcio e recasamento.

O divórcio, atualmente, vem tornando-se tão natural quanto o próprio casamento. Esse sistema complexo envolve inúmeras mudanças e estudiosos afirmam que para haver uma completa adaptação, desde a separação, requer um período de mais ou menos quatro anos (Cox & Cox, 1982, citado em Souza, 2000). No Brasil, um estudo em 1996 editado pelo IBGE observa que há um divórcio para cada quatro casamentos. Destaca-se, portanto, que as pessoas estão se adaptando a tantas rupturas conjugais e, hoje, o que causa grande surpresa pode ser considerado aquelas uniões conjugais de muito tempo. Os divórcios divergem, dessa forma, em relação aos vários motivos que os justificam, sendo então o objetivo desse capítulo o estudo acerca dessas razões e suas conseqüências para a organização familiar.

Seria correto afirmar que as pessoas separam-se pois o casamento está perdendo a sua importância? Féres-Carneiro (1998) responde a essa pergunta afirmando que o casamento não perde o seu valor, ao contrário, ele é tão relevante na constituição familiar que as pessoas acabam criando grandes expectativas e, por fim, frustrando-se em certos casos. E, por não aceitarem frustrações, acabam separando-se. Jablonski complementa essa idéia ao afirmar que (1998 e 2001, citado em Féres-Carneiro, 2003, p. 157):

Assim, a própria sociedade passa a criar nos indivíduos uma expectativa muito difícil de ser alcançada. Ao tornar sinônimos amor-paixão e casamento, este ainda visto pela maioria das pessoas como indissolúvel e monogâmico, a cultura em que vivemos, ela própria, pode estar criando uma armadilha para os nubentes, gerando expectativas que não poderão se cumprir, com todas as frustrações que advém de esperanças alimentadas e, em seguidas, suprimidas.

Na análise da ruptura conjugal, deve-se sempre levar em consideração a estrutura familiar e observar que características como relacionamento extraconjugal, bebidas, dificuldades financeiras, entre outros, podem ser alguns dos fatores que justifiquem a ruptura do casamento e destaca-se a importância da não generalização desses motivos que desencadeiam o término da relação. Dessa forma, cada família, por ter suas características próprias, possui também seus motivos que influenciaram para decisão em divorciar. Féres-Carneiro (1998), entretanto, ao abordar tal assunto afirma que a união conjugal para as mulheres adquire um significado de relação amorosa e, para os homens, de constituição familiar. Tal denominação é passível de discussões visto a generalização desse discurso pois há casos que as mulheres, por exemplo, somente permanecem com seus maridos pela dependência financeira, deixando em plano secundário o sentido de relação amorosa. Assim, não se considera pertinente afirmar que, para as mulheres, o casamento sofrerá rupturas na ausência do amor sentido entre ambos, visto que poderá haver outros contextos que justifiquem a permanência da relação.

No divórcio, além de haver uma reestruturação da organização familiar vigente, há grandes conflitos e sofrimentos sentidos por, pelo menos, uma das partes ou pelos filhos. Destaca-se, contudo, que a separação nem sempre é observada como algo

preponderantemente negativo pois, em certos casos, a ruptura pode ser alcançada com um consenso do casal no sentido de tentar preservar uma boa relação entre eles, mas agora à distância, evitando que os filhos passem a viver com constantes desavenças dentro de casa.

Em relação aos filhos, torna-se relevante destacar que os pais devem enfatizar que somente a relação conjugal chegou ao fim, permanecendo ainda o casal parental com os mesmo objetivos nos cuidados, educação, proteção para com eles (Féres-Carneiro, 1998).

A saúde mental dos filhos também se encontra relacionada à qualidade de relacionamento vivenciado pelos pais, quer estejam juntos ou separados. Nesse sentido, faz-se de extrema importância que eles tenham contato permanente, não somente com àquele detentor da guarda, mas também com a outra figura materna ou paterna. Outro aspecto de grande relevância é a forma de comunicação que os pais possuem para abordar essa temática com os filhos, pois há pessoas que afirmam que quando se conversa sobre separação estes ficam perturbados e não são capazes de enfrentar a situação. Tanto Féres-Carneiro (1998) como Souza (2000) afirmam que os filhos são mais capazes de enfrentar fatos complicados que os pais possam imaginar, e eles não devem ser tratados como fragilizados em suas capacidades de superar problemas. Nesse sentido, torna-se crucial um diálogo sincero desde o início, evitando, dessa forma, que o silêncio dos filhos, pelo fato dos pais não o consultarem a respeito do tema, seja entendido como ausência de conflitos, sofrimentos ou dificuldades.

Outro tema que norteia a construção familiar pós-moderna é o recasamento. A partir desse contexto, Wagner, Ribeiro, Arteché e Bornholdt (1999, p.5) afirmam que:

As transformações sociais implicam na queda do mito da família harmoniosa ou perfeita, meramente apoiado na manutenção do arranjo

estereotipado da familiar original: pai, mãe, filhos coabitando em domicílio conjugal e mantendo a guarda, sustendo e educação dos filhos.

O recasamento é um assunto que aborda alguns mitos irrealistas como, por exemplo, há falta de união e organização familiar quando o núcleo central se rompe e as pessoas vão em busca de construir outras famílias. Deve-se observar que a saúde familiar está muito mais relacionada com as relações emanadas entre os membros que a manutenção ou quebra de sua estrutura em si. Em outras palavras, “a competência das famílias não depende do fato de serem casadas, separadas ou recasadas, mas da qualidade das relações estabelecida entre seus membros” (Féres-Carneiro, Costa & Penso, 1992, citados em Féres-Carneiro, 1998, p.7).

Há, porém, algumas mudanças significativas como a extensão familiar no sentido que os filhos passam a ter quatro figuras parentais (pai, mãe, padrasto e madrasta) responsáveis pela sua educação, criação, entre outros e, da mesma forma, mais tios, primos, avôs, meios-irmãos, etc. E apesar de toda essa mudança, torna-se relevante não considerar essa organização com disfuncional tendo em vista que pesquisas comprovam que padrastos e madrastas também desempenham com êxito o papel parental, não tendo tanta importância o vínculo sanguíneo (Wagner, Ribeiro, Arteché & Bornholdt, 1999). Outro ponto a ser destacado para manutenção da qualidade relacional é que, em certas situações, alguns pais insistem em substituir a figura materna ou paterna pela madrasta ou padrasto, respectivamente. Isso pode causar alguns conflitos, pois ninguém deve ter o seu papel substituído. As relações estabelecidas pelo padrasto/madrasta e enteado devem ser naturais de modo que ambos possam se adaptar, aos poucos, a nova configuração familiar, cada um respeitando o seu espaço.

2.4. Mães solteiras e famílias constituídas precocemente.

Em estudos realizados pelo DATASUS/FNS/MS (citados em Trindade & Menandro, 2002), aumenta, cada vez mais, o índice de gravidez entre adolescentes de idades entre 15 e 19 anos. Destaca-se que as conseqüências são imersas quando decide-se ter um filho, ainda mais quando não se planeja a gravidez. Nesse sentido, quais implicações a gravidez precoce traz à vida dos adolescentes?

Na pós-modernidade, inúmeras modificações ocorrem nos vários sentidos de organização societária de modo que as famílias também foram afetadas diretamente. Assim, o mundo das crianças que, antigamente, era brincar de bonecas e bonecos, casinha, carrinhos, entre outros, nos dias atuais, as brincadeiras tomaram outro sentido, pois crianças, pré-adolescentes e adolescentes se confundem em seus conceitos de modo que já não são definidos com tanta transparência tendo em vista determinados comportamentos de crianças. Assim, as crianças param de brincar com idades menos avançadas e passam a se importar com assuntos que antes somente despertavam interesse em adolescentes como namoro, as baladas da noite, roupas da moda, etc. Os adolescentes, por sua vez, também vêm assumindo papéis avançados para sua idade no sentido que, cada vez mais cedo, assumem responsabilidades de adultos como cuidar dos filhos.

De maneira geral, Lyra (1997, citado em Trindade & Menandro, 2002) considera a gravidez com um problema sério, gerando diversos problemas para os adolescentes, resultando, conseqüentemente, em situação financeira precária, em pais que não poderão oferecer muita coisa para seus filhos de modo que estes terão menos tempo de escolarização. Destaca-se, contudo, a generalização desse discurso como algo irreal no sentido que há diversos pais adolescentes que, apesar da pouca idade, conseguem evoluir psicológica e financeiramente, gerando condições essenciais de vida e cuidados necessários para os filhos. Esse fato pode ser comprovado em pesquisas realizado por

Trindade e Menandro (2002) que abordam o tema no sentido que, para se fazer o julgamento das conseqüências em relação à gravidez, deve-se analisar “fatores culturais, sociais, afetivos e cognitivos, ou seja, tanto os fatores micro-sociais, referentes às condições objetivas e subjetivas da vida do sujeito em questão, quanto fatores macro-sociais, como a classe social da qual ele é proveniente” (p. 17). Assim, não se questiona a dificuldade sentida por algumas famílias como, por exemplo, medo, vergonha, despreparo, entre outros, por ser uma situação completamente inédita em suas vidas. Porém, isso não remete, necessariamente, a um fato negativo em sua totalidade. Dessa forma, pesquisas comprovam a satisfação de famílias, passado a fase do susto, na criação dos filhos, amadurecimento psicológico, aquisição de responsabilidades, etc. Trindade e Menandro (2002) mostram que a maioria dos jovens por eles entrevistados afirma que o significado da paternidade está relacionado com o carinho, cuidado, amor, atenção, preocupação e responsabilidade para com os filhos, demonstrando satisfação na construção da própria família. Há, contudo, àqueles que se queixam da falta de liberdade, do abandono aos estudos, pois não consegue conciliar filhos/trabalho/estudos, pressão realizada para que os pais se casem e sensação de que abriram mão de etapas essenciais de suas vidas. E diante de certas modificações, há aqueles que negam a paternidade e deixam a mãe solteira e com a obrigação de cuidar dos filhos sozinha. E a partir de determinado contexto, questiona-se quais implicações na saúde dos filhos quando estes são criados e educados somente pela mãe. Será que a mãe solteira pode desempenhar o mesmo papel que um casal parental? Quais conseqüências para os filhos e para as mães nessa situação?

Há estudos que comprovam não existir diferença significativa na educação dos filhos no sentido que, mesmo estando a mãe solteira, esta se torna capaz de passar as crianças os principais valores, princípios, educação, entre outros. Sendo assim, elas

corresponderiam com sucesso em relação ao ajustamento emocional, proteção, cuidados, papel sexual dos meninos, entre outras responsabilidades. Entretanto, outras pesquisas abordam também que mães solteiras possuem maiores dificuldades no sentido que haveria um maior isolamento social, enfrentariam maiores situações negativas na vida apresentando, conseqüentemente, altos índices de estresse e depressão. Destaca-se a afirmação de alguns pesquisadores que elas teriam um baixo padrão de estudos o que acarretaria dificuldades de ascensão profissional (Hilton, Desrochers & Devall, 2001, citados em Marin & Piccinini, 2007). Hilton e Cols, citados no mesmo trabalho, defendem que essas mães teriam um menor envolvimento, controle, cuidados e integração com os filhos por não poderem compartilhar tais atividades com algum parceiro o que, conseqüentemente, as sobrecarregavam em relação a suas obrigações maternas.

Em relação aos sentimentos das mães solteiras, Souza (2002, citada em Marin & Piccinini, 2007) relata que elas tiveram maiores dificuldades que mães casadas, gerando assim revolta, tristeza, ansiedade, angústia, entre outros. Na realidade, a falta de alguém com quem se possa compartilhar todas essas dificuldades agrava a situação dos problemas no sentido que a carga da responsabilidade fica única e exclusivamente por conta da mãe. Isso a faz sofrer pressão tanto dos filhos, da família e também da sociedade que, de certa forma, exige que ela ofereça aos filhos o mínimo para sustentá-los e educá-los, proporcionando-lhes boa alimentação, espaço social, escola, entre outras atividades.

Marin e Piccinini (2007) realizaram estudos com a finalidade esclarecer tais diferenças na literatura no sentido que uns afirmam que há conseqüências negativas para as mães e que estas não conseguem desenvolver com sucesso o papel materno. Outros, por sua vez, defendem que mães solteiras correspondem com êxito às expectativas de

seus filhos e da sociedade. Nesse sentido, os autores chegaram a conclusão que de fato não há grandes convergências entre mães casadas e solteiras e que estas últimas possuem capacidades para lidar com as práticas educativas maternas. Em relação aos filhos, estes não são prejudicados em nenhuma área do lado emocional, comportamental ou educacional. Nesse sentido, apesar da importância da configuração familiar na constituição do sujeito, não se deve utilizar somente dessa configuração para justificar determinadas diferenças nos comportamentos maternos ou dos filhos. “Na verdade, a maternidade envolve uma situação subjetiva, que, somadas as situações maternas adequadas, acaba não dependendo, necessariamente, do tipo de configuração familiar” (Marin & Piccinini, 2007, p. 20).

Capítulo 3

Terapia familiar: um desafio pós-moderno.

3.1. Implicações da terapia familiar na pós-modernidade e subjetividade.

Para abordar o tema terapia familiar, torna-se imprescindível comentar em relação à Teoria Geral dos Sistemas e quais suas principais implicações nessa temática. Assim, Ludwin Von Bertalanffy foi o pai dessa Teoria que consiste em abordar o todo como responsável pelas conseqüências positivas ou negativas atingidas na estrutura familiar, sem redução, generalização ou, até mesmo, o rótulo de determinada pessoa como sendo a única responsável pela contextualização da família. Assim, cada parte do sistema interage com as demais em sentido não linear nem delimitado, havendo dessa maneira influências recíprocas. Em outras palavras, segundo Souza e Dallalana (2004, p. 158).

O sistema tinha como objetivo estudar tudo aquilo que os diversos sistemas tinham em comum, procurando compreendê-lo em sua totalidade e semelhança. Assim, cada sistema era um todo organizado formado por suas partes componentes e que independentemente de sua configuração específica, possuíam propriedades gerais. O novo paradigma tinha por foco a totalidade do sistema, considerando que sua composição acabava por alterar suas características fundamentais. Desta forma, concebia-se que o todo tem propriedades que não se encontravam em suas partes isoladas.

A terapia familiar surgiu na segunda metade do século XX com o objetivo de tratar, não somente membros individuais, mas o conjunto da família em conflito no sentido de mudança para todos em termos de ambiente e convivência (Barker, 2000). Porém, questiona-se como a terapia familiar consegue unir a família estando ela em

processo de desestrutura no sentido em que a pós-modernidade traz consigo os sujeitos individualistas?

Nesse sentido, Gergen (1985, citado em Nichols & Schwartz, 1998, p.155) defende que na “era pós-moderna, a realidade do individuo isolado, que possui seus próprios valores, emoções, capacidade de raciocínio, intenções, etc, torna-se implausível... O sentido do que é real e do que é bom emerge dos relacionamentos”. Féres-Carneiro (1998, p.7) complementa esse tema ao afirmar que o “compromisso da terapia é com a promoção da saúde emocional dos membros do casal e não com a manutenção ou ruptura do casamento”. E a partir desse assunto, o presente capítulo tem como objetivo a discussão da terapia familiar no contexto dos principais conflitos trazidos pela pós-modernidade.

De acordo com Barnhill (1979) e Fleck (1980), citados em Barker (2000), a família deve desempenhar alguns objetivos como corresponder às necessidades básicas de vida de seus componentes, criação e socialização dos filhos, reprodução e continuação da espécie, apoio e proteção aos seus membros, entre outros. Contudo, tais condições nem sempre se aplicam em todas as famílias de modo que há pais sem filhos, por exemplo. Assim, para se denominar a constituição familiar como normal deve-se ter o critério de avaliação amplo considerando todos os contextos sociais, culturais, históricos, entre outros. Nesse sentido, Walsh (1982, p. 6, citado em Barker, 2000, p. 23) afirma:

Os processos fundamentais implicam integração, manutenção e desenvolvimento da unidade familiar, tanto em relação aos sistemas individuais como aos sociais. O que é normal – seja típico, seja ideal – é definido em contextos temporais e sociais, e varia com as diferentes

exigências internas e externas que requerem adaptação no decurso de ciclo de vida da família.

Torna-se singular, portanto, observar a caracterização particular da família em questão no sentido de não enquadrá-la em teorias prontas para serem aplicadas sem antes um prévio entendimento da demanda conflituosa que norteia as principais crises familiares. Assim, cada família, mesmo estando imersa na mesma sociedade e cultura, possui suas características próprias construídas a partir do convívio de com seus membros, sendo que tal formação não deve ser excluída na terapia familiar. Em outras palavras, “o terapeuta familiar tem de ser sensível e tomar em consideração os padrões e os valores morais e culturais das famílias que vêm ao tratamento” (Barker, 2000, p. 27). Andolfi e Angelo (1989) complementam o tema ao afirmar que o terapeuta deverá entender o “mundo” e as limitações de cada membro, ou seja, perceber as condições em que cada pessoa se dispõe a envolver-se e a enfrentar riscos para a mudança na organização familiar.

Em relação aos conflitos levados ao terapeuta familiar, considera-se que houve uma ampliação dos motivos de modo que a pós-modernidade apresentou inúmeras situações antes impensáveis para a sociedade. Dessa forma, questionamento dos filhos em relação às atitudes dos pais, casais que se separam ou famílias que se reconstituem apresentam dificuldades tanto com seus novos ou antigos membros no sentido de que inovação familiar pode caracterizar a não aceitação de algumas pessoas. E, a partir do contexto apresentado, nota-se a importância da terapia familiar no sentido de mediação dos conflitos uma vez que estes podem não ser resolvidos em conjunto por seus membros. Assim, a terapia “baseia-se na crença de que os problemas freqüentemente resultam daquilo que está ocorrendo nos relacionamentos” (Annunziata & Jacobson-Kram, 1996, p. 5) e não defende que a crise entre os membros seja devida a uma única

pessoa. Pode ocorrer, em certos casos, a dificuldade na aceitação de que toda a família necessite de apoio terapêutico pois há famílias com a tendência de acreditar e rotular determinado membro como se ele fosse o único causador dos conflitos. Isso retira a parcela de culpa dos demais favorecendo uma descrição incorreta gerando, dessa forma, um foco somente na pessoa e desconsiderando o relacionamento e a comunicação como um todo.

De modo geral, a família também atua no desenvolvimento da personalidade de seus membros uma vez que é responsável pela transmissão de valores, crenças, costumes, educação, entre outros. Porém, a forma como esses fatores são transmitidos varia de acordo com a cultura de cada lugar. E, devido ao fator cultural, a família se encontra em profunda modificação, criando novos significados, novas idéias, novas formas de ação social (Seixas, 2005). Entretanto, quando o papel social da família modifica-se negativamente para os seus membros, esta se desorganiza e cria conflitos pelo incômodo em determinadas pessoas. Dessa forma, o objetivo do terapeuta familiar seria propiciar alterações de significado de forma que possibilite o reaparecimento do clima benéfico que estava anteriormente regido por rígidos padrões relacionais.

De certa forma, cada pessoa vive de maneira diferente as diversas situações familiares e geram inúmeras emoções no sentido de que nem sempre as conseqüências serão iguais para todos. Em outras palavras, o que pode ser bom para uns, pode ser ruim para outros. Tal fato está diretamente ligado à subjetividade de cada membro, sendo considerada por González Rey (2003, p. 202) como:

Sistema complexo produzido de forma simultânea no nível social e individual, independentemente de que em ambos os momentos de sua produção reconheçamos sua gênese histórico-social, isto é, não associadas somente às experiências atuais de um sujeito ou instância

social, mas à forma em que uma experiência atual adquire sentido e significação dentro da constituição subjetiva da história do agente de significação, que pode ser tanto social como individual.

Nesse sentido, a família caracteriza-se por diversos fatores não somente ligados aos seus membros em questão, mas também a toda modificação ligada na sociedade e a forma como essa modificação atinge seus membros em termos de emoção, sendo que cada reação poderá ser diferente dos demais em contextos iguais ou diversos. Assim, González Rey (2003, p. 204) defende:

A configuração subjetiva da família, que tem toda uma história de elementos de sentido que deixam de ter caráter individual para passar a ser “ordenadores” dos diferentes aspectos da vida familiar, como são os códigos morais que delimitam o espaço da vida familiar, a articulação das relações entre membros, tipo de padrão emocional dominante nos espaços interativos da família, a sugestão das questões de gênero e idade na família, etc., pode ser seriamente desafiada, e entrar em processo de transformação diante de modificações em outras zonas de subjetividade social que implicam de forma profunda os diferentes membros da família. Portanto, os elementos de sentido que integram a configuração subjetiva de um espaço social concreto estão de forma permanente relacionados a elementos de sentido procedentes de outras zonas e espaços da vida social que afetam os membros de cada agência social, os quais na sua condição de sujeitos, empreendem novos caminhos, que acabam sendo elementos de transformação no status que o engedrou.

Annunziata e Jacobson-Kram (1996) comentam que, através da terapia familiar, os membros devem perceber algumas mudanças tanto no comportamento como na

comunicação entre eles. Dessa forma, torna-se relevante que todos na família pensem em alternativas para resolver suas diferenças de forma pacífica, dando oportunidade também para o outro expressar sua opinião e sentimento. Na comunicação, destaca-se a importância do diálogo permanente e compartilhar as inquietudes, pensamentos e encontrar os motivos pelos quais certos padrões de comportamentos persistem no ambiente familiar, saber analisá-los e julgá-los como coerentes ou não.

3.2. Família Simpson na terapia familiar.

Simpsons é uma família com características peculiares e pós-modernas, com atitudes questionadoras e semelhantes a diversas constituições familiares, sendo que tal fato é o que justifica a sua análise nesse presente trabalho que, apesar de ser um desenho, muito se iguala a vários temas que foram abordados anteriormente. Busca-se, dessa forma, transparecer as semelhanças entre Simpson e a família na atualidade.

Homer Simpson, chefe da família, é um homem que possui atitudes passíveis de julgamentos e críticas devido aos seus comportamentos em relação a sua família e a sociedade. Nesse sentido, destacam-se falhas no seu papel como marido pois este, por várias vezes, mentiu e enganou sua esposa Marge, e foi encontrar-se com amigos para ingerir bebidas alcoólicas e comer excessivamente, demonstrando que o gozo ilimitado quase sempre vem em primeiro lugar na sua vida, semelhança esta que também encontra-se na vida dos sujeitos pós-modernos. Assim confirma Nolasco (2001, p. 131) que “nas sociedades contemporâneas, a indústria cultural estimula atitudes individuais comprometidas com a busca do prazer a qualquer custo, a fim de que o sujeito conquiste cotas mais elevadas de bem-estar”. Em relação aos seus filhos, o comportamento de Homer como pai deixa muito a desejar no sentido que já tentou ganhar o amor de Lisa comprando-lhe um pônei (Lisa`s Pony), por várias vezes tenta estrangular o seu filho Bart e, sem contar as vezes que ele esqueceu da existência de sua outra filha Maggie.

Em “Lisa on Ice”, ele incentivou a rivalidade entre Lisa e Bart para que o ganhador ficasse com o amor dos pais (Irwin, Conard & Skoble, 2004).

Caso Homer Simpson fosse à terapia familiar, com certeza, ele teria muito que modificar em seus comportamentos e atitudes perante a sociedade, sua família e a ele mesmo, tendo em vista que nem com a sua saúde ele se preocupa muito. Entretanto, é relevante não julgá-lo antecipadamente como o vilão do desenho visto que o terapeuta familiar deve analisar toda a sua história de vida tendo em vista que ele cresceu na cidade de Springfield cujos habitantes possuem grandes defeitos de caráter. Assim, criado em um local cujas leis são restritivas, idealistas (“The saved Lisa’s brain”), em que há “um chefe de polícia estúpido, corrupto e autoritário, dois policiais incompetentes, um advogado picareta e um médico sem escrúpulos que fala espanhol” (Nolasco, 2001, p.54) são alguns exemplos de situações e relacionamentos que não favorecem o desenvolvimento de um caráter ético e habilidades intelectuais. Em relação a sua família de origem, Homer foi abandonado pela mãe e o seu pai nunca o incentivou a ser uma pessoa batalhadora, e quando ele tinha alguma boa idéia, seu pai não o apoiava (“Mother Simpson” e “Bart Star”). Nesse sentido, torna-se imprescindível destacar que a formação do sujeito está vinculada, entre tantas outras coisas, ao convívio com sua família e com a sociedade, o que, de certa forma, justifica certos comportamentos de Homer caso o terapeuta analise sua história de vida (Irwin, Conard & Skoble, 2004). Nesse sentido, “quando os terapeutas começaram a considerar a pessoa no contexto da família, seu comportamento não somente pareceu menos estranho, mas podia ser compreendido como um aspecto inevitável e necessário da maneira como a família havia se desenvolvido” (Nichols & Schwartz, 1998, p.75).

Observa-se que Homer “não é sensível às necessidades e direitos dos outros; ele parece não ter benevolência e nem justiça” (Irwin, Conard & Skoble, 2004, p. 23). Tal

descrição assemelha-se ao sujeito pós-moderno que se torna cada vez mais individualista, preocupando-se, quase que exclusivamente, com o seu bem estar. Essa individualidade afeta diretamente, não somente as relações familiares, mas toda a sociedade em si. Nesse sentido, como aborda Nolasco (2001, p.77):

A crença de que para realizar projetos cada sujeito depende somente de si mesmo e de alguns recursos de que disponha fortaleceu neste panorama a idéia de que, para ser homem, o sujeito tem que estar só. Nessa cultura niilista, em que tudo se torna rapidamente obsoleto, o prazer é procurado sem restrições, e o herói se tornou o herói de si mesmo – diferente das sociedades míticas, em que os trabalhos do herói eram também ações comunitárias e o vigor do herói advinha exatamente disto. Nas sociedades contemporâneas, o vínculo que cada sujeito mantém consigo mesmo e com os outros se sustenta no efêmero e no jogo do mercado. Neste contexto, o valor material vigora diante do afetivo e a competição se sobrepõe à solidariedade.

Bart Simpson é o primeiro filho do casal e que, de certa forma como seu pai, também é dono de comportamentos e pensamentos que a sociedade julga impertinente. Assim ele é um filho desobediente, apresenta dificuldades na escola, queimou a árvore de Natal da família, roubou videogame de uma loja, entre outras coisas. Ele é de fato um menino considerado mal por todas as suas atitudes, porém, indaga-se o motivo de todas essas travessuras. Na realidade, a constituição de Bart se dá em oposição ao que é correto e ele somente se identifica nessa contradição. Em outras palavras, a sua identidade forma-se em torno da rebeldia, do desafio à autoridade e quando esse desafio desaparece, conseqüentemente, sua identidade perde-se. Assim, ele está dentro do que Lisa, sua irmã, denominou de nêmesis, é como se ele gostasse sempre de ser o oposto.

Nesse sentido, quando a cidade de Springfield começou a ter atitudes iguais a dele (todos os alunos começam a dar respostas engraçadinhas na aula, várias crianças também cospem do viaduto) Bart não se sentiu bem e, conversando com Lisa, ela o aconselhou a mudar de identidade adotando, assim, um capacho de boa índole para que ele voltasse a ser então a contradição. Considera-se que Bart, apesar de todas suas malandragens, é um menino que consegue externalizar os seus sentimentos, sendo estes bons ou ruins. O contrário acontece no mundo contemporâneo, em que o sujeito apresenta-se sob aparência, uma máscara que o impede de mostrar suas infelicidades, dificuldades, em que importa mais o “ter” ao “ser”. Bart Simpson não é considerado um modelo de excelência em termos de comportamento, contudo, ele vive muito mais em conta do que é o real e verdadeiro, deixando de lado as aparências e as máscaras da sociedade (Irwin, Conard & Skoble, 2004).

As mulheres dessa família já são caracterizadas como o outro extremo pois elas estão imersas em comportamentos e atitudes éticas e morais. Nesse contexto, Lisa é inteligente, sofisticada e geralmente mais esperta que todos a sua volta. Sempre apresenta conselhos pertinentes ao irmão e luta para ter uma sociedade digna e sem preconceitos. Já Marge é uma mãe batalhadora que tenta manter a união de sua família apesar de todas as desavenças do seu filho e marido. Contudo, ela também apresenta, em certos momentos, alguns questionamentos em relação a cuidados com sua filha Maggie. Assim, como descreve na cena de abertura do programa em que Maggie é retirada do carrinho de compras e marcada com um preço. Ao ver essa cena, Marge sente-se aliviada por encontrar sua filha que pensara estar desaparecida e que agora se encontra junto com os pacotes de compra. Parece que levar as crianças para casa, junto com as compras, basta para Marge cumprir seu papel materno. Em certos momentos, ela trata de Maggie com o mesmo cuidado que tem com um aspirador de pó (Irwin, Conard

& Skoble, 2004). Tal cena retrata semelhanças na sociedade contemporânea em que os pais não mais se dedicam tanto aos filhos pois, aqueles, por trabalharem o dia inteiro, não passam mais tempo com seus filhos obrigado-os a serem educados por pessoas alheias a sua família e buscam diversas alternativas como, por exemplo, escola, amigos, Internet, televisão. Não que esses meios de comunicação sejam em sua totalidade ruins, mas não gozam de tanta importância quanto a presença dos pais na vida da criança. Há certos casos que a aprendizagem da criança fica a cargo exclusivo da escola e Internet, sendo os pais pessoas totalmente alienadas do desempenho escolar dos seus filhos.

Marge, dessa forma, possui algumas características semelhantes e outras diferentes da mulher pós-moderna. Assim, apesar dela não estar inserida frequentemente no mercado de trabalho e dedicar-se quase que exclusivamente aos cuidados da casa, marido e filhos (fatores esses que já se encontram em constantes modificações na sociedade contemporânea visto que há tendência da mulher possuir duas jornadas de trabalho, ou seja, tanto fora como dentro de casa), Marge possui grande poder de decisão em sua casa e não se submete as vontades e desejos de Homer, repreendendo-o sempre que ele age de maneira depreciativa. Assim, pode-se constatar que, no contexto pós-moderno, além da mulher ganhar espaço no ambiente de trabalho, ela também, por várias vezes, assume a responsabilidade das decisões do lar, colocando organização tanto no marido como também nos filhos, observando também que há mulheres que já assumem, ou pelo menos participam da questão financeira da casa. Nesse assunto financeiro, Marge sempre se mostrou bem ética e coerente no sentido que, como esposa de homem ocasionalmente desempregado, Marge possui poucos meios financeiros, o que a obriga a ir a lugares onde acha que haverá promoções recusando-se usar as economias da família em um par de sapatos (Irwin, Conard & Skoble, 2004).

Apesar de Lisa e Marge não apresentarem disfunções graves em termos de atitudes éticas, torna-se relevante sim a presença de ambas na terapia familiar no intuito não mudar apenas os comportamentos de alguns membros, rotulando Homer e Bart como os principais vilões da história, mas torna-se singular analisar a totalidade da estrutura familiar dos Simpsons para que haja melhoras significativas em todos os membros. Nesse contexto:

O terapeuta intervém no equilíbrio dinâmico entre o ser e o pertencer, usando um movimento contínuo de ir e vir do indivíduo para a família; reconduz o que surge do relacionar-se com cada pessoa às interações e desta última com os outros membros do sistema. Este “entrar em relação” com cada um não é uma troca extemporânea ocasional entre duas pessoas, nem a definição de uma relação de intimidade garantida no tempo, como, por exemplo, a psicoterapia individual. Mais precisamente é a situação instalada quando o terapeuta se comunica com a família usando emoções, sentimentos, silêncios de um de seus membros, relato de suas vicissitudes pessoais, que são vivências compartilhadas com outros componentes do sistema (Andolfi & Angelo, 1989, p.29).

Para haver permanência saúde familiar deve-se possuir a contribuição de todos os componentes e não somente tentar modificar aquela pessoa considerada autora da maioria dos conflitos. Com certeza, buscar entender os motivos que norteiam os comportamentos e pensamentos de todos, deixar que as pessoas se posicionem, poderia ser algumas características em busca da melhora no relacionamento. Afinal, como afirma Irwin, Conard & Skoble (2004, p.58):

Aristóteles compreendia que nos somos uma espécie muito social, e que nossa felicidade duradoura depende muito de nossa família e dos nossos

amigos. Não podemos alcançar eudaimonia sem a contribuição dos outros, e muitas de nossas virtudes (generosidade, amabilidade e honestidade, por exemplo) nos são valiosas justamente porque ajudam a cultivar os fortes vínculos de família e amizade que são essenciais para um viver bem-sucedido.

A família Simpsons, apesar de todos esses conflitos nos relacionamentos, distingue-se das famílias contemporâneas pois entre os seus componentes ainda há um sinal de ternura, cuidado e preocupação entre eles. Apesar de essas características aparecerem somente no final do desenho, talvez seja isso que os mantém unidos. Na maioria das vezes, por exemplo, Homer sempre faz as pazes com sua esposa ou filhos, e os irmãos sempre pedem desculpas um ao outro apresentando, nesse sentido, o tão conhecido final feliz. Infelizmente, tal final não compõe sempre a vida das famílias na pós-modernidade cujas resoluções dos problemas quase sempre tomam outro rumo como divórcio, irmãos que não se falam há anos, entre outras saídas. Apesar dos Simpsons somente ser um desenho animado que encene fatos semelhantes das famílias atuais, eles demonstram muitos exemplos de resolução de conflitos que poderiam sim ser utilizados nos dias atuais, visto que as pessoas quase não pedem desculpas por seus erros, e a educação é algo que deixa muito a desejar nos relacionamentos.

Conclusão

O presente trabalho permitiu a ampliação de diversas visões que antes poderiam ser vistas como limitadas em termos de pós-modernidade e seus conceitos, famílias e suas diversas organizações e, principalmente, a situação familiar na era contemporânea no sentido que esta se encontra abalada, pois, com o sujeito individualista, as relações tornam-se superficiais e simplistas de forma que as barreiras entre as pessoas tornam-se cada vez maiores.

Assim, este trabalho permitiu o estudo de algumas situações no sentido que se pode concluir que família não é mais aquela constituída exclusivamente por mãe, pai e filhos devido à ampliação de constituições que também passam a ser consideradas famílias como, por exemplo, pais sem filhos, lares unipessoais, mãe provedora do lar assumindo papel de pai e mãe ao mesmo tempo, entre outros tipos. Em muito contribuiu o estudo de Negreiros e Féres-Carneiro (2004) que abordaram a ampliação dos papéis de gênero, suas principais conseqüências e o fato de que já não é mais possível delimitar quais são as verdadeiras obrigações do pai e da mãe nos cuidados tanto da casa quanto dos filhos visto que esses papéis em muito se misturam. Assim, em famílias mais estruturadas, os pais já assumem grandes responsabilidades nos cuidados aos filhos e a mãe, por sua vez, toma participação em questões financeiras relacionada a casa.

No que diz respeito à separação e recasamento, por si só, não justificam o abalo familiar pós-moderno visto que famílias conseguem se reestruturar e seguem com uma vida tranqüila. Percebe-se, dessa forma, que padrastos e madrastas podem desempenhar seus papéis sem que haja necessariamente rupturas entre membros familiares. Constatam-se também que, apesar do casamento ser uma prática constantemente realizada na pós-modernidade e seguida por diversas rupturas na relação conjugal, ou seja, aumento do índice de divórcios, este tem sim uma grande importância

na vida das pessoas no sentido de união, companheirismo e relação com pessoas altamente relevantes. O que, de certa forma, justifica a ruptura dessas relações pode ser justificada por crises como casos extraconjugais, questões financeiras, e até mesmo, a quebra de expectativas criadas por algum dos cônjuges. Isso é uma característica do sujeito contemporâneo no sentido que ele se torna cada vez mais exigente tanto consigo quanto também com os outros. Dessa forma, grandes expectativas são criadas e se houver ruptura dessas, crises podem ser desencadeadas não existindo o consenso que a perfeição não é algo inerente a ninguém. Neste contexto, a busca pela perfeição das relações torna-se cada vez mais presente entre os membros familiares causando, conseqüentemente, pouca tolerância a erros comuns o que cria, constantemente, diversas brigas.

Outro ponto que pôde ser constatado com este trabalho é que há mais valor no tipo de relação mantida entre os membros da família que na sua organização em si. Dessa forma, considera que a organização familiar tem sua importância sim em uma relação benéfica, contudo, a comunicação, o relacionamento entre os membros toma uma relevância maior em termos de saúde familiar. Nesse contexto, Teixeira, Froes e Zago (2006, p. 1) defendem:

Grandes problemas na família hoje em dia se devem á falta de intimidade dos pais com os filhos, da falta de diálogo de filhos que preferem obter conselhos de amigos ou procurarem informações em qualquer outro meio do que se abrirem a seus pais e expor o problema que aflige.

Dessa forma, observa-se que os filhos por estarem mais sensíveis ao mundo externo, procuram neste todas as respostas de suas dúvidas deixando de lado a sabedoria, conhecimentos e experiências dos pais. Assim, Interne, por exemplo, assume grande responsabilidade nesse sentido visto a imensa disponibilidade de informação

acerca de qualquer assunto. Não obstante, os pais, de certa forma, também contribuem para esse tipo de relacionamento pois, devido a grande demanda de trabalho, quase não possuem mais tempo para dedicar-se aos filhos. Até as mães que, na modernidade dedicavam-se quase que exclusivamente aos cuidados com os filhos, atualmente elas conquistam o seu espaço no mercado de trabalho devendo, dessa forma, dividir o seu tempo entre cuidar da casa/ filhos/ trabalho. Para a atividade materna há, na realidade, o acúmulo de funções, e não a exclusão das mesmas, visto que a mulher ainda é percebida como a maior responsável pelas tarefas domiciliares. No que diz respeito a relação entre pais e filhos, Wagner, Falcke, Silveira e Mosmann (2002, p.76) defendem:

(...) A comunicação em uma família com filhos adolescentes se caracteriza por um acréscimo nos confrontos entre pais e filhos. Este fenômeno ocorre em função de que passa haver um maior questionamento do filho adolescente com relação às regras, valores e crenças familiares (Blos, 1996; Osório, 1992; Aberastury & Knobel, 1990). Muitas vezes, os pais se surpreendem com as atitudes dos filhos que ficam mais instáveis, irritados e questionadores – atitudes essas que para os próprios adolescentes podem representar uma forma de diferenciação das figuras parentais e busca da própria identidade. Nesse processo, é comum os jovens manifestarem ataques de raiva, isolarem-se em quartos fechados, buscarem apoio nos avós ou comecem a apresentar comportamentos sexuais desafiadores (Carmona,2000; Carter & McGoldrick, 1995).

Nessa citação, destaca-se que, além de ser difícil a comunicação entre pais e filhos, quando há contato entre eles pode existir desencadeamento de brigas e conflitos caso os pais não se mostrem acessíveis às críticas dos filhos. Tal situação pode

ocasionar uma relação cada vez distante o que também contribui para a crise familiar pós-moderna. Nesse contexto, a família pode se apresentar como uma entidade contraditória visto que é, ao mesmo tempo, um local em que os membros, a priori, mais passam parte de sua vida, e ser também com essas pessoas o seu menor grau de intimidade e conhecimento. Gaiarsa (1989, p. 66) assim aborda essa temática:

Esquecemos que estamos muito mais acostumados a estar sozinhos do que acompanhados. Mesmo em família – ainda é nela que vivemos a maior parte do tempo e é com seus membros nosso maior convívio; mesmo em família, onde o convívio é muito estreito, o contato e a intimidade real são muito raros, ficando cada um muito mais sozinho do que costumamos falar. Mesmo entre membros da família, a intimidade verdadeira é muito rara, havendo entre seus membros numerosas paredes, sentimentos e pensamentos secretos perturbadores, os eternos e desesperadores ciclos das brigas familiares, sempre as mesmas. As distâncias em famílias ainda que invisíveis, operam tanto quanto as paredes de uma solitária.

Apesar dessa crise familiar contemporânea, esta ainda assume grande relevância constituição do sujeito visto que é nela que aprendemos os principais valores, costumes, crenças, diferenciar o que correto do incorreto, entre tantas coisas. Torna-se singular destacar que, em meio ao contexto de desestruturalização, o presente trabalho preocupa-se em não generalização dessa situação visto que há também famílias unidas e presentes na vida dos seus membros. Isso não significa que esses pais que mantêm a saúde familiar não trabalhem e que esses filhos não sejam influenciados pelo meio externo; na realidade, o tempo disponível para passar com os filhos ainda continua restrito,

entretanto, o que se sobressai nessas relações não é a quantidade do tempo mas sim a qualidade do mesmo.

O presente trabalho possibilitou o esclarecimento de vários assuntos e, ao mesmo tempo, trouxe inquietações sobre alguns temas que, devido ao tempo, não puderam ser abordados com maior ênfase. Para trabalhos posteriores, considera-se importante o estudo aprofundado dos sentimentos relacionados a pós-modernidade e as constituições familiares que se mantêm unidas por muito tempo. Assim, o amor possui tempo de vida? Os casais ainda gostam de seus parceiros da mesma forma quando se conheceram ou acomodaram-se de estar com eles?

Finalmente, destaca-se o rol enumerativo, e não taxativo, dessa conclusão visto que o reflexo familiar na vida das pessoas sempre será em meio cultural, podendo, dessa forma, chegar a diversas conclusões em outros ambientes.

Referências Bibliográficas.

Andolfi, M. & Angelo, C. (1989). *Tempo e mito em psicoterapia familiar*. Porto Alegre, Ed: Artes Médicas.

Annunziata, J. & Jacobson-Kram, P. (1996) *Terapia familiar: resolvendo juntos os problemas*. Porto Alegre, Ed: Artes Médicas.

Araújo, M. F. (2002). Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. *Psicologia: ciência e profissão*. 22 (2) Jun. 70-77.

Ariés, P. (1981). *História social da criança e da família*. 2º edição. Rio de Janeiro: Ed. LCT.

Barker, P. (2000). *Fundamentos da terapia familiar*. Lisboa: Ed. Climepsi

Bauman, Z. (1998). *O mal-estar na pós-modernidade*. São Paulo: Ed. Jorge Zahar

Bauman, Z. (1999). *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar.

Bauman, Z. (2004). *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar.

Bauman, Z. (2005). *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar.

Benincá, C. R. S. & Gomes W. B. (1998). Relatos de mães sobre transformações familiares em três gerações. *Estudos de Psicologia*. 3 (2), 177-205.

Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo familiar: Uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas.

Dallalana, T. M. & Souza, N. R. (2004). Enfoque sistêmico: uma discussão sobre mudanças de modelos sobre Programa Saúde da Família. *Família, Saúde e desenvolvimento*. 6 (2), mai/ago, 154-165.

Farias, C. C. (2001) A família da pós-modernidade: em busca da dignidade perdida: uma perspectiva interdisciplinar. *Renovar*. 1-10

Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 11 (2), 1-11.

Gaiarsa, J. A. (1986). A família de que se fala e a família de que se sofre: o livro negro da família, do amor e do sexo. São Paulo: Ed. Agora

González Rey (2003). *Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Ed. Thomson.

Harvey, D. (1998). *Condição Pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Ed. Loyola.

Irwin, W., Conard, M. T. & Skoble, A. J. (2004) Os Simpsons e a Filosofia. São Paulo: Ed. Madras.

Jablonski, B. (1998 e 2001). Afinal, o que quer um casal? Algumas considerações sobre casamento e separação na classe média carioca. In: Féres-Carneiro, T. *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas* (2003). São Paulo: Ed. Loyola.

Leitão, C. F & Nicolaci-da-Costa, A. M (2003). A Psicologia no novo contexto mundial. *Estudo de Psicologia*. 8 (3), Set/Dez, 421-430.

Marin, A. H. & Piccinini, C. A. Comportamentos e práticas educativas maternas em famílias de mães solteiras e famílias nucleares. *Psicologia em estudo*. 12 (1) jan/abr, 13-22

Milfont, T. L., Gouveia, V. V. & Costa, J. B. Determinantes psicológicos da intenção de constituir família. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 19 (1) 25-33.

Moreira, L. V. C (2002) Educação de filhos: desafios modernos. *Veritati*. II, 2, 195-205.

Negreiros, T.C.G.M. & Féres-Carneiro, T. (2004). Masculino e feminino na família contemporânea. *Estudos e pesquisas em Psicologia*. 4 (1) jun, 35-47.

Nichols, M. P. & Schwartz, R. C. (1998). *Terapia familiar: conceitos e métodos*. Porto Alegre: Ed. Artmed.

Nolasco, S.(2001). De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais. Rio de Janeiro: Ed. Rocco.

Petrini, J. C. (2005). Mudanças sociais e familiares na atualidade: reflexões à luz da história social e da sociologia. *Memorandum*. 8, abr., 20-37.

Seixas, R. A.(2005). A família na atualidade: adequação dos recursos terapêuticos e valores do terapeuta. *Pensando Famílias*. 7(9), nov, 109-120.

Silva, A. A, Mayor, A. S, Almeida, T., Rodrigues, A. G., Oliveira, L. M. & Martinez, M. (2005) Determinações das histórias de amor mais adequadas para descrever relacionamentos amorosos e identificação das histórias de amor que produzem mais identificação, menos identificação e que as pessoas mais gostariam de viver. *Interação em Psicologia*. 9 (2), 295-309.

Souza, R. M. (2000) Depois que papai e mamãe se separaram: um relato dos filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 16(3), set/dez, 203-211.

Szymanski, H. (2000). *Teorias e “teorias” de famílias*. In: Carvalho, M. C. B. A família contemporânea em debate. 3º edição. São Paulo: Ed. EDUC/Cortez.

Teixeira, A. T., Froes, R. C., & Zago, E. C. (2006). A comunicação e o relacionamento da família atual em virtude dos novos tempos. *Revista eletrônica de comunicação*. 1, jan/jun. 1-7.

Trindade, Z. A & Menandro, M. C. S. Pais adolescentes: vivência e significação. *Estudo de Psicologia*. 7(1), 15-23.

Wagner, A., Falcke, D., Silveira, L. M. B. O., Mosmann, C. P. (2002). A comunicação em famílias com filhos adolescentes. *Psicologia em estudo*. 7(1), jan/jun, 75-80.

Wagner, A. Ribeiro, L. S. Arteché, A. X. Bornholdt, E. A. (1999) Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 12 (1), 1-7.

